



Virgilio

No jornal illustrado — *L'Exposition Universelle* — encontramos a gravura de uma estatua de Virgilio, obra muito recommendavel de M. Gabriel Thomaz, que foi exposta no grandioso palacio do Campo de Marte.

Vem no mesmo jornal illustrado uma eloquente apreciação do trabalho do insigne esculptor, feita por M. Octave Lacroix. D'essa primorosa apreciação apresentaremos unicamente, e muito em resumo, a parte que se refere á descripção artistica.

A estatua de Virgilio distingue-se pela decencia, sobriedade e verdade; e é, demais disso, engenhosa e encantadora. Virgilio, tal como o esculptor o comprehendeu e exprimio, é um bello mancebo, imberbe, que, logô ao primeiro intuito, recorda o divino Raphael, seu

irmão pelo genio. — O rosto é alongado, e apresenta uma elegancia, que em nada prejudica o caracter allivo e ao mesmo tempo surge da boca e do olhar. — Os cabellos, curtos, pendendo sobre a fronte e sobre as fontes, estão circundados de uma coroa de louro, que tão apropriada lhe é, como se fosse um adorno natural. — O poeta está pensativo, mas não triste; desvia levemente os olhos do manuscrito, que tem desenrolado na mão esquerda, á maneira de quem está escutando, ou talvez investigando. — A mão direita, que não largou ainda o instrumento com que traçava os caracteres, ergue e retém as pregas da roupagem que, do hombro, cae graciosamente, e sem a menor affectação, até aos pés, calçados com o cothurno antigo. — Finalmente, o esculptor

teve a rara felicidade de animar a estatua bella, e de a fazer fallar...

— Eloquentes e sentidas expressões consagra o sr. Lacroix a pintura do formoso genio de Virgilio, o Homero de Roma, menos sublime e altiloquo do que a Homero da Grecia, de uma eloquencia menos independente, menos altiva, mas mais *humana*, mais sensivel, mais terna.

Não reproduziremos essas expressões admiraveis de entusiasmo e de arrebatamento; contentamo-nos com proferir o nome immortal de Virgilio, e com dizer — aos nossos intelligentes leitores — que tem diante de si a copia de uma estatua feliz do grande poeta, a quem o mundo deve as *Bucolicas*, as *Georgicas*, e a *Eneida*.

TELEGRAPHIA TRANSATLANTICA

(Continuado de pag. 248)

III

Bosquejemos, em rapidos traços, a historia e o progresso da telegraphia submarina.

São de hontem os seus auspicios, são de hoje os seus formidaveis incrementos.

O que hontem era impossivel, ou sonho de algum pensador mais arrojado, é hoje archaismo, ou thema já gasto e estafado de conversações quasi archeologicas, como os obeliscos de Thebas e Palmyra, ou o colosso de Rhodes e o templo de Epheso.

Foi em Calcutta que se lançou o primeiro cabo ao mar.

Corria o anno de 1839. A companhia ingleza, essa *orbis in urbe*, gigante que braceja por todo o mundo, polypo immenso, que se implanta em toda a India, tem o coração em Calcutta, donde parte o sangue e a vida para os membros mais dilatados de tão vasto corpo.

Possue a capital da India ingleza 1,200,000 habitantes; as suas riquezas são innumeradas, innumerados os seus thesouros. Assente nas margens de um braço do Ganges, por cujo leito sobem os maiores steamers até atracarem em soberbos caes de granito, Calcutta, a rainha do Oriente, está separada em dois bairros pelo Hoogly, em cuja margem direita se ergue a estação de *East-India rail-way*, uma das maiores vias ferreas do mundo, que atravessa o extenso e productivo valle do Ganges, até Patna-Benares, Allahabad e Delhi. Convinha, pois, ligar os dois bairros de Calcutta por meio de um telegrapho electrico que passasse por baixo das aguas do Hoogly, *braço sagrado* do Ganges, cuja largura, na parte mais estreita mede 500 metros.

O commettimento foi logo emprehendido e levado com prospera fortuna, e não havia ainda corrido um anno, que já o afamado physico inglez, o sr. Weatstone lembrava a conveniencia e possibilidade de ligar por fios telegraphicos as costas dos grandes estreitos.

A semente, pelo bom terreno em que foi lançada, fructificou, e a idea para logo encontrou não só um defensor, senão um audaz e respeitavel apostolo, no sr. Morse, que, em 1843, escreveu uma carta, que a sciencia guarda nos seus annos, sobre o modo de ligar os oceanos por meio da electricidade.

Não era, porem, conhecida ainda a gutta-percha, substancia isoladora por excellencia, verdadeira alavanca de Archimedes para a telegraphia,

uma das materias primas, que a industria acolheu com alvoroço e reconhecimento. Só em 1850 se applicou, emfim, a gutta-percha ao isolamento dos fios, e o telegrapho submarino, immergido entre Douvres e o cabo Grivez pelo sr. Brett, mostrou evidentemente que Weatstone e Morse tinham razão nas suas conjecturas.

Pouco importou que o fio, arrastado pelas correntes, que se cruzam no estreito, para sobre as cristas agudas dos rochedos, se despedaçasse.

Conhecera-se a facilidade de transmittir a electricidade por baixo d'agua: este o grande e importantissimo facto, que convinha consignar. É por isso que 1850 é uma data memoravel na historia da telegraphia tellurica. Desde então multiplicam-se as experiencias, succederam-se os tentames, e começou a rede, que hoje abarca o mundo, e franqueia passagem ao fluido subtil.

De Londres partem quasi todas as grandes linhas telegraphicas, que communicam a Inglaterra com a Europa, Asia e America. Londres, o centro industrial do mundo, é tambem o centro electrico.

Era, comtudo, indispensavel alcançar nova e mais momentosa conquista. Tantas são as relações commerciaes e industriaes da America com a Inglaterra; tanta a conveniencia e necessidade da prestesa e multiplicidade de noticias e indícios, que dirigem e guiam as transacções de toda a especie, e até o caminhar dos navios no alto mar, que em 1857 resolveu uma companhia poderosa formada em Inglaterra, lançar um fio telegraphico das costas da Irlanda às de União-Americana, seguindo o trajecto do Gulf-stream, o Mississippi do oceano, como lhe chamou um poeta.

Feitas as sondagens, medidas as distancias, fabricado o fio, tomadas, emfim, as precauções, que a sciencia e a experiencia estavam exigindo, foi emprehendido esse trabalho herculeo, que infelizmente ficou baldado, e apenas mostrou que era necessario perseverar e lutar, para vencer de vez a natureza.

Relatar essa primeira epopèa é inutil e demasiado longo. Ainda hoje estamos todos lembrados do entusiasmo, do clamor immenso, que se ergueu por toda a Europa, quando em Londres se recebeu o primeiro telegramma. Durou pouco tempo tanto contentamento. Logo após as primeiras alegrias, correu a triste noticia do estrago do cabo. Não desanimaram, emtanto, os invenciveis capitalistas inglezes, antes metteram hombros á nova empresa, aprestaram-se para segunda accommettida, com o inquebrantavel ardor, que faz da Inglaterra o primeiro povo do mundo.

Em 1865 começou a segunda batalha entre a sciencia e o desconhecido, entre o genio do homem e o poder da natureza.

Afirmavam auctorizados physicos que a fuga da electricidade na grande experiencia de 1858 não fora causada pela ruptura do cabo, ou pela acção das correntes, senão pela má construcção do fio, por isso que os ultimos preparos e arranjos foram terminados precipitadamente, e como

que para responder ás fervencias e clamores do publico. O cabo, accrescentavam os defensores e iniciadores da temeraria e arrojada empreza, pôde resistir a cargas muito superiores; mas não assim o involucro isolador, o qual esteve exposto á acção fundente do sol, nas caldeiras de Greenwich.

Por isso os engenheiros que, em 1863, foram encarregados do commettimento, empregaram todos os seus cuidados e esmeros no fabrico do involucro isolador.

Mal se fabricou a ultima braça foi o cabo arumado no *Great-Eastern*, o qual surgiu em Valentia nos principios de julho. Ligado o *shore end* ou cabo costeiro com o transatlantico, partio o *Great-Eastern*; mais ainda não tinham passado vinte e quatro horas, conheceu-se que o isolamento era incompleto. Após um dia de trabalho para tirar o cabo do fundo do mar, encontrou-se implantado na armadura um fio de ferro aguçado, que havia feito uma ferida, pela qual se esvaia a electricidade.

Obviado este inconveniente capital, proseguiu a immersão, e durante cinco dias correu tudo á medida dos melhores desejos. De repente, porem, cessou a transmissão, e os mesmos symptomas terriveis se reproduziram.

Tirou-se outra vez o cabo; examinava-se esmeradamente á parte que se ia levantando, e encontrou-se, afinal, como da primeira vez, uma lamina cortante de ferro atravessada na gutta-percha.

Dos labios frementes daquelles Ulysses sublimes, que caminhavam ousados á conquista de uma nova Ithaca, saio uma palavra unisona, que eccoou profundamente no coração da mestrança. Traição! disseram todos á uma. Algum malevolo, destes que nutrem entranhado odio por tudo o que é aspiração grandiosa, havia, certamente, aproveitando-se de propicias circumstancias a seus infames designios, rasgado a armadura.

Tomaram-se todas as precauções. Debalde. Para logo se repetiu o caso.

Esses homens, que eram mensageiros da energia humana, e intentavam rasgar os seios do oceano com um fio tenue e fragil, esses homens audazes, atrevidos, firmes nos principios absolutos da sciencia, arrojados navegadores, ou sabios porfiosos, que por uma idéa dariam a vida, tremaram então, e relanceando olhos de angustia uns para os outros, desconfiaram de si, e cada qual buscava um traidor e um criminoso de lesa-humanidade, aonde quizera e devera encontrar um amigo, um socio, um irmão, um sectario convicto do progresso, um sacerdote da mesma religião.

Que convinha fazer em laes apertos? Inquirir e castigar o traidor? Como? Urgia remediar e caminhar. O oceano é caprichoso; as ondas até então socegadas e placidas, podiam erguer o dorso e açoitar os ilhaes do immenso navio. O vento que mal se ouvia zunir nas vergas e enxarxias, quem sabe? se no equinoxio já proximo, não abri-ria passagem pelos gelidos plainos do polo, e le-

vantaria a tormenta e de envolta com ella os turbilhões de agua que quebras-em o fio?

Proseguiu, pois, o trabalho; mas ainda desta vez, e como se a fatalidade de um destino adverso quizesse provar a coragem e contumacia dos navegadores, um dos freios, que segurava o cabo, deslocou-se, e o fio quebrou se.

Ergueu-se um grito de desespero e afflicção no convez do navio. Todos aquelles homens, sabios e ignorantes, desde o commandante, lido nas mais altas theorias da sciencia, até ao rude marinheiro, cujo parco saber consiste em encarar sem medo os bulções da India, todos eram devotados do coração áquella causa santa, que era a do progresso e fraterno abraço de dois continentes.

Estava percorrido um terço do caminho. Esperanças fagueiras se abrigavam no coração de todos. Parecia ganha a batalha incruenta. De repente um pequeno accidente, um descuido apenas, lança no fundo do mar o fio, e de escambo com elle, affundem-se milhões, talvez o termo de uma empreza colossal, e o futuro de uma idéa, que é braço e poderio da humanidade!

E o mar parecia um lago socegado e manso; a vaga tumida alteiava docemente a fimbria espumosa; a brisa tepida mal encrespava as agoas. Pungente ironia da sorte!

Não descoroçou, emtanto, o sr. Canning, primeiro engenheiro da empreza. No meio da confusão e do desalento, só elle se ergueu e clamando que era louco e traidor o que desesperasse e refusasse os seus esforços para obviar á desgraça, influio no animo de todos coragem e vigor. Lançaram-se harpeus ao mar; tres vezes veio o cabo á tona d'agoa, tres vezes caio outra vez no abysmo insondavel. Quando a tripulação debruçada sobre o oceano seguia com olhos impacientes o cabo que vinha surgindo, quebraram-se as aordas, e tantos trabalhos ficaram baldados e infructiferos! Assignalado o sitio do sinistro, lançada uma boia, voltou o *Great-Eastern* caminho de Valentia, ao tempo que em Londres e em toda a Europa corriam sinistros rumores.

Dizia-se, e o telegrapho espalhava essa nova ruim por toda a parte, que o *Great-Eastern* fora accommettido por uma tormenta medonha, que o havia affundido, sendo desarvorados o *Sphinge* e o *Terrivel*.

Se bem que a expedição corresse infeliz, foi, contudo, recebido entre aclamações o *Great-Eastern*. Quando se espera o pessimo, o máo affigura-se bom, tão certo é, que não ha sentimentos absolutos no coração do homem.

Chegados que foram a Londres os engenheiros, reuniu-se a companhia, e após alguma discussão, decidiu-se por unanimidade, que navegando perfeitamente o *Great-Eastern*, sendo optimo o cabo, e excellentes todas as machinas de immersão, exceptuando os freios e o apparelho de sublevação ou erecção, era forçoso não desanimar, antes proseguir na lida no proximo anno, pois as tormentas equinoxiaes estavam eminentes.

Para começar era necessario um fundo social de 600:000 libras. Sessenta mil acções foram logo tomadas pela praça de Londres, e este foi o primeiro protesto com que a Inglaterra respondeu a Europa absorta.

CONTINUA]

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

Tres verdades formam a base do edificio social: a verdade religiosa, a verdade philosophica, a verdade politica.

A verdade religiosa é um conhecimento dum Deus unico, manifestado por um culto.

A verdade philosophica é a triplice-ciencia das cousas intellectuaes, moraes e naturaes.

A verdade politica é a ordem e a liberdade: a ordem é a soberania exercida pelo poder; a liberdade é o direito dos povos.

CHATEAUBRIAND.

COMBOIO DE DIAMANTES PARA O RIO DE JANEIRO.

Perguntava Babinet, nos principios do anno de 1855: «Que é o diamante? é o objecto de maior apreço, e o de maior custo que ha no mundo. Que é o carvão? é a materia usual mais commum, e uma daquellas que se encontram em depositos immensos nas entranhas da terra, ao passo que tambem as plantas, as arvores de todas as especies contêm uma quantidade inconcebivel da mesma materia. O dinheiro não é bastante para pagar o diamante; pois que, se imaginarmos um diamante puro do peso de uma moeda de 25 francos, virá a pesar 125 quilates pouco mais ou menos, e valerá, no minimum, 4 milhões de francos, em quanto que a igual peso de carvão, ainda com as moedas de cobre mais miudas, nem sequer se pôde assignar valor.. Pois bem; o diamante e o carvão são identicos, visto como o diamante não é mais do que o carvão cristalisado.»

Pareceria que os paizes mais affortunados seriam aquelles onde houvesse minas de diamante, ou de carvão cristallizado; mas não é assim. As minas de Golconda e de Visapur na India, do Brasil na America, do Oural e de Borneo, não valem tanto como um só dos depositos de carvão de pedra da Belgica, da Inglaterra, ou dos Estados Unidos.

As minas da India — em Golconda, Raolconda, Visapur — provêram por muito tempo de diamantes o mercado do mundo inteiro; mais tarde apresentou o Brasil os seus productos, quasi sempre marcados com um certo colorido amarelento, que contrastava com a perfeita alvura dos diamantes da India. Hoje é o Brasil quem envia para a Europa, por via de Inglaterra, todos os diamantes, — os quaes, depois de serem lapidados em Amsterdam, voltam a Londres e a Paris para serem engastados, e entrarem assim no mercado. Borneo fornece ainda alguns centos de quilates. Os jazigos do Oural não são explorados como minas productivas, e o mesmo se pôde dizer dos jazigos da Australia e da California, no que respeita a diamantes. Em 1845 houve um grande panico, que fez descer o valor dos diamantes; e foi esse panico devido ao descobrimento de novos jazigos no Brasil; no entanto,

foi momentanea a crise, e não tardou em restabelecer-se o equilibrio.

Os antigos não conheciam a arte de lapidar o diamante. Um artista de Bruges, por nome Luiz de Berquen, ahí pelo meado do seculo XV, foi quem primeiro teve a idéa dessa tal arte, que ensaios successivos levaram á perfeição que hoje tem.

A arte de lapidar os diamantes é exercitada em Amsterdam, e pôde dizer-se que só alli tem assento uma tal industria.

Os maiores diamantes conhecidos são o *Regente*, pertencente á corôa de França; o *Koh-i-noor*, pertencente á corôa de Inglaterra. Seguem-se depois os diamantes da corôa de outros reinos.

Dos jazigos do Brasil saiu o famoso diamante conhecido pelo nome de *Estrella do Sul*. Foi encontrado em julho de 1853 por uma pobre preta, na occasião em que lavava as areias da mina brasileira de Bagagem. Quando Babinet o viu no Instituto, pesava 254 $\frac{1}{2}$ quilates; mas depois de lapidado ficaria reduzido ao peso de 127 quilates.

Fôra muito agradável apresentar outras muitas curiosidades que o citado Babinet, e outros escriptores apresentam a respeito de diamantes; mas é tempo de dizer que a nossa estampa reproduz a perspectiva de uma remessa de diamantes de Tejuco para o Rio de Janeiro. É facil de vêr que uma tal remessa não pôde deixar de ser feita com a maior segurança possivel, attento o valor dos objectos enviados para a capital á conta do governo; e maiormente se se attender a que a jornada dura muitos dias. Escolhem-se sempre para escoltar os diamantes os soldados de melhor reputação, a fim de se evitar o perigo do roubo ou de qualquer extravio ou des-caminho.

O viajante Mawe, mineralogista inglez, que visitou o districto dos diamantes, faz esta descripção do paiz: «Viaja-se em um paiz montanhoso, esteril, e pouco povoado: passa-se a todo o instante por defronte de postos guarnecidos por tropa, que está sempre áleria para impedir o contrabando dos diamantes.»

Eyriès, seguindo o citado Mawe, e Saint-Hilaire, diz que Tejuco, residencia do intendente geral das minas dos diamantes, é situada como Villa Rica, no meio de uma planicie inculta, no flanco de uma alta montanha. Os habitantes são obrigados a mandar vir de longe as suas provisões de boca, e vivem pela maior parte na miseria. — Todo o ouro e todos os diamantes encontrados nas differentes explorações do districto são accumulados mensalmente no thesouro da intendencia de Tejuco, e guardados em seguros cofres de ferro, até que são remetidos tambem com toda a segurança para o Rio de Janeiro. — O districto dos diamantes terá doze leguas de circumferencia; sendo este districto, situado no Cerro-do-Frio, talvez o mais elevado da capitania das minas. Foi descoberto pelos arrojados mineiros da Villa do Principe no principio do seculo XVIII; buscavam ouro, e encontraram nas lavagens que estabeleceram nos ribeiros que nascem da montanha, encontraram, digo, pedras brilhantes, das quaes sómente mais tarde se conheceu o valor, depois de chegarem á Europa. — É no leito da ribeira Jiquitinhona (Jigitonhonha) que se executam os trabalhos neces-



Comboio de diamantes para o Rio de Janeiro

sarios para a exploração dos diamantes. — Afóra os authores citados, veja também Balbi, *Abregé de Géographie*. Paris. 1844. Voltaremos ao assumpto, consultando escriptos brasileiros de mais moderna data.

A DAMA DE ESPADAS

II

(Continuado de pag. 247)

A velha condessa Anna estava no seu toucador, sentada defronte d'um espelho, rodeada de tres creadas: uma tinha na mão um frasco de carmim; outra uma caixa de alfinetes pretos; a terceira apresentava-lhe uma immensa touca de rendas com fitas cor de fogo. Não tinha a fidalga, naquelle tempo, já nenhuma pretensão a formosa, mas conservava todos os costumes da sua mocidade, trajava á moda de cincoenta annos atraz, e empregava na *toilette* tanto tempo e tão grande fausto como as casquilhas do seculo passado. A sua aia estava bordando no vão de uma janella.

— Bons dias, avó, disse um joven official que entrava naquelle momento; bons dias, menina Isabel. Avó, venho fazer-lhe um pedido.

— O que é, Paulo?

— Dá-me licença que eu lhe apresente um amigo meu, e ao mesmo tempo peça um convite para elle vir ao seu baile?

— Sim, podes trazel-o ao baile e lá m'o apresentarás. Estiveste hontem em casa da princeza...?

— Estive; uma noite esplendida, dançou-se até ás 3 horas. Eletzki Petrowna estava encantadora.

— Vejo que não és difficil. A respeito de formosura, se tivesses conhecido a avó de Eletzki, a princeza Daria... Deve estar bem velha, hein, não?

— Velha! disse Tomski irreflectidamente, velha! morreu ha já sete annos!

A aia levantou os olhos de cima do bastidor e fez um signal ao official. Caio elle em si, lembrando-se de que, naquella casa, nunca se fallava na morte dos contemporaneos da condessa, e mordeu os beiços; mas a velha fidalga apparentou o maior sangue frio ao saber da morte da sua antiga amiga.

— Morreu? pois, olha, não o sabia. Fomos ambas nomeadas damas de honor, e quando fomos apresentadas, a imperatriz.....

A condessa principiou a contar, pela centessima vez, uma anecdota da sua mocidade. Quando acabou a narrativa, voltou-se para Paulo:

— Ajuda a levantar-me. Lisanka, onde está a minha caixa?

E seguida pelas tres creadas passou a outro quarto para acabar a *toilette*.

Tomski ficou só com a aia.

— Quem é esse senhor que quer apresentar á sr.^a condessa? perguntou em voz baixa Isabel Ivanowna.

— É Naroumof. Conhece-o?

— Não. É militar?

— É.

— Engenheiro?

— Não, é da cavallaria da guarda. Mas porque pergunta se elle é engenheiro?

A aia sorriu-se, mas não respondeu.

— Paulo! gritou a condessa detraz do biombo, onde estava, manda-me um romance novo, mas que não seja no gosto moderno.

— Então como o quer, avó?

— Quero um romance em que o heroe não engane o pae nem a mãe, e em que se não affogue ninguém. É uma coisa de que tenho immenso medo, dos affogados.

— Mas onde hei de eu achar um romance assim? Quer um russo?

— O que! pois ha romances russos?! Manda-me um; vê lá, não te esqueces?

— Não falto. Adeus, avó, estou com muita pressa. Adeus, Isabel. Então, porque queria que Naroumof fosse dos engenheiros?

E dizendo isto á aia, Tomski partio.

Isabel, que ficára sósinha no toucador, retomou o seu bordado e sentou-se no vão da janella.

Apenas ella se sentára, um official dobrou a esquina da casa vizinha, e entrou na rua. A aia ao dar com os olhos nelle, cõron, baixou a cabeça e quasi a escondeu com o panno que bordava. Neste momento chegára a condessa, já prompta para sair.

— Lisanka, dize que ponham o trem, vamos passeiar.

Isabel levantou-se immediatamente e arrumou o bastidor.

— Então o que é isso, rapariga? estás surda? Vae dizer que ponham já o trem.

— Vou já, respondeu a aia, e saio a correr em direcção á ante-camara.

Chegou um creado que trazia livros de mandado do principe Paulo Alexandrowitch.

— Que dê os meus agradecimentos ao principe. Lisanka! Lisanka! onde vae ella a correr assim?

— Ia-me vestir, minha senhora.

— Ha tempo de mais para isso. Senta-te, pega no primeiro volume e lê-me ahi alguma cousa.

Isabel abriu o livro e começou a leitura.

— Mais alto! disse a condessa. Que tens? Estás rouca? Espera. Chega aquelle banquinho para aqui... mais para cá... assim, está bom.

A aia leu duas paginas; a condessa começou a bocejar.

— Deixa isso, disse ella; que palavreado. Manda-os ao principe com os meus agradecimentos... Esse trem não chegará?

— Ahi está elle, respondeu Isabel, olhando para a rua.

— Tu não estás vestida? É necessario sempre esperar por ti! é insupportavel isto.

A aia correu ao seu quarto; mas ainda não tinham passado dois minutos, já a condessa estava a tocar a campainha como uma desesperada, e a creadagem corria appressada ao chamamento, entrando as tres creadas por uma porta e o escudeiro pela outra.

— Parece que ninguem me ouve aqui! gritou

a fidalga. Não dizer a Isabel Ivanowna que eu estou á sua espera.

A aia chegava neste momento com um vestido de passeio e de chapéo na cabeça.

— Finalmente! disse a condessa. Mas que fato é esse?! Porque é isso? Que tenções são as tuas? Parece-me que o dia está ventoso.

— Perdoe v. ex.^a, mas, pelo contrario, o tempo está até bem sereno, atreveu-se a dizer o escudeiro.

— Você nunca sabe o que diz. Abram a janella. Eu bem o dizia. Está um vento horrroso e um frio de gelar. Recolham a carruagem. Lisanka, minha querida, hoje não saímos. Não valeu a pena enfeitares-te tanto.

— Que vida! suspirou baixinho a pobre rapariga.

Na verdade Isabel era bem infeliz. Dante já o disse: — «É amargo o pão da hospitalidade estrangeira e são altos, custam a subir os seus degrãos.» Mas quem poderá contar os desgostos da vida que levava a pobre aia em casa da velha fidalga? E, contudo, a condessa não era má de indole, porem, tinha todos os caprichos d'uma mulher em extremo admirada e acariciada pela alta sociedade. Era avarenta e egoista como quem havia muito que deixára de representar um papel activo no mundo.

Dos bailes não lhe escapava nem um, e pintada e vestida á moda antiga, ali se conservava num canto do salão onde parecia expressamente collocada como para servir de espantalho. De todos os que entravam nenhum deixava de lhe ir fazer uma grande cortezia, mas tambem, terminada esta cerimonia, ninguem lhe tornava a dirigir a palavra. Recebia, nos seus salões, toda a flor da aristocracia, mantendo a etiqueta em todo o seu rigor; e, contudo, era raro que podesse tratar pelo seu nome a maior parte dos seus convidados. Os numerosos familiares, gordos e nedios, que lhe enchiam a antecamara, não faziam senão o que elles queriam, e tudo naquella casa andava na maior desordem, como se a morte lhe tivesse atravessado os humbraes. A vida de Isabel era um continuo supplicio. Era ella quem servia o chá e quem ouvia os ralhos por causa do assucar que ia por fóra das chavenas. Se lia os romances á condessa, era sobre ella que recaia a responsabilidade das asneiras dos auctores. Era ella quem acompanhava a senhora nos seus passeios, e era ella, tambem, a culpada das más calçadas e do máo tempo. O seu ordenado, apesar de ser mais do que modesto, nunca lhe era pago com regularidade e a condessa exigia que ella andasse vestida como toda a gente, isto é, como muito pouca gente. Nas sociedades o seu papel era tão triste como no palacio de sua ama. Conheciam-na todos e apesar disso, ninguem a notava. Dançava, nos bailes, mas só quando havia falta d'um *vis-à-vis*. As senhoras vinham buscal-a pela mão e levavam-na para fóra das salas, quando precisavam de qualquer arranjo na toilette. Isabel tinha amor-proprio e sentia profundamente a miseria da sua posição.

Anciava por um libertador que lhe viesse quebrar as cadeias; mas, os rapazes, prudentes no meio da sua affectada leviandade, guardavam-se bem de a honrar com as suas attentões, e, entretanto, Isabel era mil vezes mais bonita que as estupidas e sem pejo a quem elles tributavam culto. Quantas vezes não ia ella, subtraindo-se ao tédio e ao luxo da sala, fechar-se sósinha no seu quarto, pequeno e unicamente mobilado com um velho biombo, um tapete remendado, uma comoda, um espelho e um leito de madeira pintada, e ali chorava, unicamente alumada por uma vela de cebo mettida numa palmatoria de latão!

Numa manhã, dois dias depois do sarão em casa de Naroumof, e uma semana antes da scena que acabamos de narrar, Isabel estava bordando ao pé da janella, quando, lançando o olhar distraído para a rua, viu um official, com a farda dos engenheiros, immovel e com os olhos fitos nella. Baixou ella os seus e continuou a trabalhar com maior affinco ainda. Passados cinco minutos, olhando machinalmente para a rua, tornou a ver o official no mesmo sitio. Não tendo por costume namorar os que lhe passavam por debaixo das janellas, durante duas horas não levantou mais os olhos de cima do bastidor, até que a vieram chamar para jantar. Levantou-se então, e enquanto arrumava o bastidor tornou a ver o official ainda no mesmo sitio. Pareceu-lhe aquillo extraordinario. Quando se levantou da meza dirigio-se á janella com uma certa agitação, mas o engenheiro já lá não estava. Isabel não tornou a pensar em tal.

Dois dias depois, indo ella a subir para a carruagem, com a condessa, tornou-o a ver, parado, defronte da porta, com a cara encoberta por um cabeção de pelles, mas viam-se os seus olhos negros brilhar sob as abas do chapéo. Isabel assustou-se sem saber porque, e assentou-se na carruagem a tremer.

Apenas chegou, de volta do passeio, correu á janella. O coração batia-lhe apressado. O official lá estava no lugar do costume, fixando-a com o olhar ardente. Isabel retraio-se logo dali, mas, cheia de curiosidade e tomada por um sentimento que ella até então desconhecera.

Não se passou depois daquelle um unico dia sem que o official viesse passear por defronte da janella, de modo que entre ella e elle se estabeleceu uma correspondencia de olhos apenas, muda. Ainda que ella os tivésse no bordado, presentia-lhe a chegada como se o visse, erguia a cabeça para olhar para elle, e de dia para dia crescia o tempo que durava essa contemplação. O manco mostrava-se reconhecido a um favor tão pequeno, e Isabel notava, com a penetração rápida e profunda da mocidade, a vermelhidão que assomava ás faces pallidas do official, todas as vezes que os seus olhares se encontravam. No fim de uma semana ao olhar do joven namorado respondeu ella com um sorriso.

Quando Tomski pedio á sua avó licença para lhe apresentar um amigo seu, o coração da pobre

rapariga bateu-lhe apressado, e quando soube que Naroumoff era da cavallaria da guarda, arrependeu-se de ter compromettido o seu segredo, confiando-o a um estouvado.

Hermann era filho dum allemão que se estabelecerera na Russia, e que lhe deixara uma pequena fortuna. Resolvido a conservar-se independente, tinha contraído para consigo mesmo a obrigação de não tocar nas suas rendas; vivia do seu soldo e não se permittia o mais pequeno desperdicio. Era pouco communicativo, ambicioso, e o seu genio reservado não dava aos seus camaradas muita occasião de se divertirem á custa delle. Sob uma tranquillidade apparente, Hermann occultava paixões violentas, uma imaginação exaltada, mas, sempre senhor de si, tinha evitado os desvarios proprios da mocidade. Era assim que, tendo nascido jogador, nunca pegara em cartas porque comprehendia que a sua posição não lhe permittia, elle mesmo o dizia, sacrificar o necessario com a esperanza de adquirir o superfluo; e, comtudo, passara noites inteiras diante de mezas de jogo, seguindo, com uma anciedade febril, as rapidas mudanças da sorte.

A anedota das tres cartas do conde de St. Germain impressionara-o profundamente e em toda a noite não pensou n'outra coisa. Se a condessa, dizia elle na tarde seguinte, quando passeava pelas ruas de S. Petersburgo, me confiasse o seu segredo! se ella quizesse indicar-me tres cartas que ganhassem!... E' necessario que me apresentem a ella, ganharei a sua confiança, far-lhe-hei a corte... Não ha que hesitar, tem já oitenta e sete annos... Pode morrer dum instante para o outro... Mas quem sabe? aquella historia será verdadeira? Não; a economia, a frugalidade, e o trabalho são as tres cartas que me hão de fazer ganhar! É com ellas que hei de levar o meu capital ao dobro, ao decuplo. Sim, só ellas e que me hão de dar a fortuna, a independencia.

Embebido nestas meditações achou-se numa das grandes ruas da cidade, em frente duma casa de architectura muito antiga. Tomava a rua uma immensidade de carruagens que desfilavam a uma e uma por defronte d'uma casa esplendidamente illuminada. Das portinholas abertas ora se via sair o sapato de seim que calçava o pé aristocratico de uma elegante, ora a bota de montar d'um general; já a meia de seda, já o diplomatico sapato de fivela. Era uma procissão de pellissas e capas que passava por diante d'um suiso de descommunal estatura.

Hermann parou, e perguntou a um guarda noturno, encaixado na sua guarita, de quem era aquella casa.

— É da condessa ***

Era a avó de Tomski.

Hermann estremeceu. A historia das cartas veio-lhe de novo á lembrança. Começou a rodear a casa, pensando na mulher que ali morava, na sua riqueza, no seu poder mysterioso. Recolhendo-se ao seu cubiculo, esteve por muito tempo acordado e quando, finalmente, adormeceu, alli-

gurou-se lhe ver dançar cartas, uma meza de jogo, montes de oiro e de notas. Fazia parolim, sobre parolim, sempre a ganhar, e amontando oiro aos punhados e enchendo a sua carteira de notas. Ao despertar, suspirou, por não encontrar os seus phantasticos thesoiros, e, para se distrair, recomeçou o seu passeio da vespera, na cidade. Em pouco tempo achou-se junto á casa da condessa. Arrastava-o uma força irresistivel; parou e começou a olhar para as janellas. Por detraz dos vidros d'uma dellas vio uma mulher moça, de cabello negro, inclinada graciosamente sobre um livro, talvez, ou sobre um bastidor. A mulher levantou a cabeça, e Hermann vio um rosto rosado e uns olhos negros. Aquelle momento dicio da sua sorte.

OS CAPTIVOS

BIBLICA

David. Psalmo CXXXVI.

.....Illic sedimus et flevimus.

I

Junto ás aguas chorosas de Euphrates
eil-os sentados tristes e saudosos,
a dor no coração;
funda magoa no peito, elles murmuram,
tremula a voz, os olhos lacrimosos:
« O' amada Sião!

Nós aqui te choramos desditosos!
por ti vertemos lagrimas ardentes
no duro captiveiro!
O cantico das harpas já não soa,
alem jazem caladas e pendentes
na rama do salgueiro.

II

Acaso pode soltar
da lyra o canto festivo
o miserrimo captivo
que nem lar nem patria tem?
N'outro tempo elle sabia
as harmonias sagradas
que a ti só eram votadas,
Saudosa Jerusalem!

Cantava as glorias eternas
da cidade Sacrosanta;
mas a dor geme, não canta,
hoje ha só prantos pr'a nós!
e se algum dia outro assumpto
entoar nossa canção.
immoel nos fique a mão,
nos labios nos morra a voz!

III

Senhor! não esqueças a crueldade
dos povos Idumeus impios e duros,
que lançaram por terra os santos muros
da divina cidade!

Nem os brados da dor, tristes lamentos
de seus miseros filhos escutaram,
E uma a uma as moradas arrasaram
até os fundamentos!

Babylonia cruel, impia, devassa!
bem haja a mão de ferro vingadora
que te arroje do throno de senhora
no charco da desgraça!

A ira do Senhor baixe dos céos,
e vejas da vingança os negros traços...
contra uma rocha feitos em pedaços
os tenros filhos teus

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Anotações ao código de commercio portuguez, por Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, do Conselho de S. M., fidalgo cavalleiro da Casa Real, lente cathedratico da Universidade, socio do Instituto de Coimbra. 6 vol. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1866.

Desta utilissima obra já demos noticia nos n.ºs 3867, 3870, e 3877 do *Jornal do Commercio* do mez de setembro do anno passado, quando ainda não estava concluida. Agora que recebi o 6.º e ultimo volume, tenho muito gosto em tomar nota, neste semanario, de um livro que muito proveitoso é para o estudo e conhecimento da jurisprudencia commercial.

Nos tres artigos que publicámos no mencionado *Jornal do Commercio*, exarámos, e aqui ratificamos, a seguinte asserção: — Anotar o Código de Commercio será sempre um bom trabalho, e muito de agradecer, se fôr empreendido por um homem de são entendimento, e de apurados conhecimentos juridicos; mas subirá de ponto o valor desse trabalho, se o annotador se nos apresentar influenciado e conduzido por luminosos principios, por bem conceituadas theorias, nas quaes sobre- saia uma discreta philosophia. —

Felizmente, o illustrado annotador segue os bons principios da sabia escola dos mais acreditados economistas de França, de Inglaterra e de outros paises cultos, e á luz desses principios, bem como das opiniões mais seguras dos juriconsultos, commenta o Código de Commercio.

Nos cinco primeiros volumes, depois de uma primorosa *Introdução*, vae o auctor annotando os diversos artigos do Código de Commercio Portuguez; e no sexto, que ha pouco saio a lume, e é o ultimo da obra, encontra-se um muito prestante *Appendice*, que contém a legislação relativa ao mesmo Código, posterior á publicação deste até o fim do anno de 1866.

Nas *anotações*, e segundo o caso pede, são confrontadas as disposições dos codigos commerciaes estrangeiros com as do código portuguez; são adduzidas e examinadas as disposições das nossas leis anteriores ao código; são ponderadas as opiniões dos juriconsultos; e, finalmente, as mais claras definições de termos, e explicações de doutrina, se encontram naquelles pontos que tal genero de commentario demandam.

Affoutamente se pôde asseverar que as *Anotações* são um bom livro.

Lisboa, 27 de junho de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O antigo editor do *Panorama*, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quacsquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do *Panorama* incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea d.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, RUA DO THE-
souro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

Typ. Franco-Portugueza. Rua do Theouro Velho n.º 6